



## PRODUÇÃO ASSOCIADA, EDUCAÇÃO E CULTURA DO TRABALHO: PRODUÇÃO DA VIDA NA COMUNIDADE TRADICIONAL SÃO MANOEL DO PARI<sup>1</sup>

*Associated production, education and work culture: life production in the  
traditional community São Manoel do Pari*

CABRAL, Cristiano<sup>2</sup>  
CAETANO, Edson<sup>3</sup>

### RESUMO

A produção da vida na comunidade tradicional camponesa São Manoel do Pari se concretiza na produção material e imaterial tanto na unidade produtiva familiar quanto na produção associada e de saberes tradicionais e da experiência. Produções estas que determinam historicamente os fundamentos para uma cultura do trabalho inerente a esta comunidade. Este presente artigo faz parte da pesquisa de doutorado do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Trabalho e Educação (GEPTTE), o qual está vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Ainda, esta pesquisa se utiliza do método materialismo histórico dialético e de elementos da pesquisa participante, utilizando de instrumentos como entrevistas, observação, fotos, oficinas e documentos. O objetivo deste artigo é refletir a produção da vida das famílias desta comunidade tradicional, à qual possui uma organização produtiva associada, coletiva e solidária, construindo e reconstruindo saberes tradicionais, da experiência e, ainda, uma pedagogia da produção associada e uma pedagogia da solidariedade, determinações históricas embasadoras da cultura do trabalho.

**Palavras-chave:** Produção Associada. Educação. Cultura do Trabalho.

### ABSTRACT

The production of life in the traditional peasant community of São Manoel do Pari is materialized in material and immaterial production in both the family production unit and in the associated production and traditional knowledge and experience. This production historically determines the foundations for a work culture inherent in this community. This article is part of the doctoral research of the Study and Research Group on Labor and Education (GEPTTE), which is linked to the Graduate Program in Education (PPGE) of the Federal University of Mato Grosso (UFMT). Still, this research uses the dialectical historical materialism method and elements of participant research, using instruments such as interviews, observation, photos, workshops and documents. The aim of this article is to reflect the production of the life of the families in this traditional community, which has an associated productive organization, collective and solidary, building and reconstructing traditional knowledge, experience and also a pedagogy of associated production and a pedagogy of solidarity. , grounding historical determinations of work culture.

**Keywords:** Associated Production. Education. Work Culture.

---

<sup>1</sup> Para esta pesquisa, parte da pesquisa de doutorado, está seguindo os procedimentos éticos apresentados pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS), expressos nas resoluções 466/2012 e 510/2016. Sendo assim, esta pesquisa só teve início após a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade federal de Mato Grosso (UFMT) e pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

<sup>2</sup> Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso, Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso, Graduado em Filosofia pela Universidade Católica de Goiás. Professor de filosofia pela Secretária de Educação do Estado de Mato Grosso e agente pastoral da Comissão Pastoral da Terra - MT. E-mail: crisprelazia@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, Graduação em Ciências Sociais pela PUCCAMP. Professor do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. E-mail: caetanoedson@hotmail.com

## INTRODUÇÃO

Este artigo<sup>4</sup> tem como objetivo refletir e discutir a produção da vida das famílias da comunidade tradicional camponesa São Manoel do Pari, do município Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso. Produção esta que possui organização produtiva tanto na unidade produtiva familiar quanto na produção associada, as quais, por sua vez, constroem e reconstróem os saberes tradicionais e da experiência das quais elaboram uma pedagogia da produção associada e uma pedagogia da solidariedade.

As relações de solidariedade, de cooperação, de coletividade e de equilíbrio com o outro e com a natureza fundamentam estas pedagogias. Toda esta produção material e imaterial da vida tem como intencionalidade a satisfação das necessidades objetivas e subjetivas das famílias e associados.

É desta produção material e imaterial que surge a cultura do trabalho produzindo e reproduzindo sentido, significado, representação de mundo, percepção, ideia, conhecimento e consciência que legitima e fortalece a identidade, o trabalho e os saberes desta comunidade tradicional.

O presente artigo é organizado em três partes. Na primeira, se discute as características de uma comunidade tradicional, a história desta comunidade e seus saberes e organização. Na segunda, é abordado o trabalho tanto na unidade produtiva familiar quanto na produção associada e sua pedagogia da produção associada e solidária. Por fim, na terceira parte, se reflete a cultura do trabalho constituída pela produção da vida desta comunidade.

O método utilizado é o materialismo histórico dialético, tendo como critério de análise a fundamentação histórica e suas contradições, processos, dinâmicas embasadas pela dialética marxista. Buscando compreender a relação entre o trabalho e a educação e as conseqüências da existência desta comunidade. Quanto à metodologia, ou seja, os instrumentos de pesquisa, foi utilizado elementos da pesquisa participante com análises de documentos, entrevistas, observações, fotografias e oficinas.

Para a realização desta pesquisa seguimos os procedimentos éticos apresentados pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS), expressos nas resoluções 466/2012 e 510/2016. Sendo assim, esta pesquisa só teve início após a autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP).

## COMUNIDADE TRADICIONAL CAMPONESA SÃO MANOEL DO PARI: SUA PRODUÇÃO DA VIDA E SEUS SABERES TRADICIONAIS E DA EXPERIÊNCIA

A comunidade São Manoel do Pari, antiga sesmaria Parý-Aguassú, foi se tomando desde o início do século passado não mais um aglomerado de unidades produtivas familiares, mas uma comunidade e, posteriormente - a partir de seus costumes, crenças, comportamentos, solidariedade, coletividade, equilíbrio com a natureza - uma comunidade tradicional camponesa.

---

<sup>4</sup> O presente artigo faz parte de uma pesquisa de doutorado que está sendo desenvolvida junto ao Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trabalho e Educação (GEPTe), vinculado à Linha de Pesquisa "Movimentos Sociais, Política e Educação Popular", do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), Campus de Cuiabá.

Para ser compreendida como comunidade tradicional é necessária, além de reconhecer-se enquanto tal, consciência já presente às famílias da comunidade, outras características apresentadas por Diegues (1996, p.88), o que delimita o significado do conceito comunidade tradicional. Eis as características: "dependência e até simbiose com a natureza"; "conhecimento aprofundado da natureza e seus ciclos [...] transferido de geração em geração por via oral"; "noção de território ou espaço onde o grupo social se reproduz econômica e socialmente"; "moradia e ocupação desse território por várias gerações"; "importância das atividades de subsistência"; "reduzida acumulação de capital"; "importância dada à unidade familiar doméstica ou comunal e às gerações de parentesco ou compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais"; "tecnologia utilizada é relativamente simples, de impacto limitado sobre o meio ambiente"; "fraco poder político"; "auto-identificação ou identificação pelos outros de se pertencer a uma cultura distinta das outras".

As famílias da comunidade tradicional camponesa São Manoel do Pari moram na região de sesmarias do município de Nossa Senhora do Livramento, Mato Grosso, há gerações. Tanto tempo que ao se perguntar a uma das moradoras sobre quando que estas famílias chegaram à região, ela afirma: "parece que é assim, o pessoal brotou da terra. Eu nunca ouvi falar que veio de outro lugar" (Roda de conversa com Miguelina, 06/09/19). Outro ainda afirma que "moram já na região uns duzentos anos. Por exemplo, pessoa nova que já conhecemo morreu com cem ano, ele nasceu já aqui. Os pais dele, os vô dele, que morreu com cem anos, era daqui, era deles aqui" (Entrevista com Nilo, 06/09/19).

Grande parte das famílias já morava desde quando era sesmaria Pary-Aguassú e outras vieram de sesmarias ao entorno. Este tempo foi o necessário para o conhecimento da natureza neste espaço: seu bioma cerrado, com sua fauna e flora, seus rios e paisagens, seus limites e dinâmicas. Conhecimento este que geração após geração é transmitida e readaptada às demandas espaço-temporais singulares.

Algumas destas adaptações, na tentativa de equilíbrio com a natureza, são as policulturas, os manejos, o tratamento com o solo, a utilização de caldas agroecológicas. Este equilíbrio com a natureza tem por causa e objetivo uma determinação sócio-econômica tanto nas unidades produtivas familiares quanto na comunidade: a satisfação de necessidades materiais e imateriais. Esta é a intencionalidade das unidades familiares e comunitárias em sua organização e produção da vida: a constituição do espaço em espaço de produção e espaço de consumo e o equilíbrio entre estes.

Ainda, como Diegues (1996) apontou, tanto as estruturas organizativas e produtivas quanto as necessidades são mínimas em uma comunidade tradicional; na comunidade São Manoel do Pari não é diferente. Um dos camponeses diz que às vezes passa uma semana e somente se gasta dez reais. Isto porque os instrumentos de trabalho são os mais rústicos e manuais, o único elétrico é o engenho, para moer cana; diversas matérias primas existem na natureza da comunidade e diversos alimentos são produzidos pelas famílias, comprando somente o mínimo do qual a força de trabalho e a natureza não suprem.

São estas determinações históricas que constituiu esta comunidade em espaço cultural. O seu modo de vida construído pela luta, resistência, relações de parentesco e com a natureza, organização produtiva, suas necessidades de consumo e produtos de consumo e sua memória. A própria dinâmica da existência, em suas interações sociais

e com a natureza, fundamenta a dinâmica cultural, uma dinâmica em que os costumes são conservados, tomando-os guardiões e guardiãs da cultura.

A relevância de conservação desta sua cultura - construída em todo o tempo em que as gerações passadas tornaram este lugar em lugar social, em lugar simbólico, isto desde há mais de duzentos anos, segundo moradores - está intrinsecamente ligada à sua história e à sua produção da vida. Thompson (2001, p.258-259) tem uma citação muito apropriada a esta condição histórica da comunidade: "sem produção não há história [...]. Mas devemos dizer também: 'sem cultura não há produção'". Conservar a cultura é por sua vez conservar a produção, conservar a história.

Por isso que o mesmo Thompson (1998, p.19) afirma que "a cultura popular é rebelde, mas o é em defesa dos costumes". Sua rebeldia embasa-se na conservação de sua cultura, à qual é a defesa de sua história e produção de sua existência. Negar sua cultura é negar não somente seus costumes, crenças, valores, visão de mundo, comportamento, atitudes, sentidos, mas negar-se existencialmente.

Uma destas resistências é a preservação de seus saberes tradicionais e da experiência à qual está intrinsecamente ligada à produção e reprodução de sua existência. São os conhecimentos sobre a natureza, sobre como transformá-la, sobre o solo e as plantações e suas utilidades, os conhecimentos sobre o tempo e o clima, sobre as fases lunares e seus impactos na agricultura que fazem estas famílias sobreviverem sobre a terra. As estratégias para a sobrevivência dependem destes conhecimentos tradicionais.

Ah, é muito importante, porque se nós ficássemos só no saber da universidade então nós não sabia nada porque nós não estudo, não estudo lá, então [...]. É importante porque se a gente não saber a gente não sabe conviver né. Assim, você não sabe, não sabe é.... como que eu quero dizer, se não tiver essa sabedoria popular não tem cê agir, não tem como cê... cê não sabe mexer, cê não sabe fazer nada aí na comunidade, assim (Roda de conversa com Miguelina, 07/06/19).

A compilação de conhecimentos passados de geração a geração, através da oralidade direta, é enorme e diversificada. São saberes diretamente ligados aos problemas e respostas continuamente vividas, ou seja, são saberes intrinsecamente ligados à sua existência, à satisfação de suas necessidades materiais e imateriais. Toledo e Barrera-Bassols (2015, p.97) apresentam a complexidade e diversidade destes saberes necessários para responder à dinâmica de suas existências:

Dessa forma, o saber local abrange conhecimentos detalhados de caráter taxonômico sobre constelações, plantas, animais, fungos, rochas, neves, águas, solos, paisagens e vegetações, ou sobre processos geofísicos, biológicos e ecológicos, tais como movimentos da terra, ciclos climáticos ou hidrológicos, ciclos de vida, período de formação, frutificação, germinação, cio ou nidação, e fenômenos de recuperação de ecossistemas (sucessão ecológica) e manejo de paisagens.

Estes saberes, mesmo tradicionais, surgiram das experiências de seus antepassados, repassados na oralidade e retidos na memória. Contudo, estas experiências não se reduzem ao passado, mas agem dialeticamente com os saberes tradicionais no próprio processo da vida. Os saberes são dinâmicos tais como é a existência das famílias desta comunidade. Assim, se tal saber não responde à dinamicidade ele é reformulado para dar conta da realidade, assim é o saber da experiência.

Estes saberes da experiência é o que provoca os saberes tradicionais a se manterem sempre vivos e apropriados à contemporaneidade e cotidianidade. São saberes sempre

em diálogo com as demandas da realidade da natureza, da produção, das crenças e das relações sociais. São saberes vivos, que transformam e são transformados pela dinâmica do real.

Nesta dialogicidade entre saberes tradicionais e da experiência com a produção material e imaterial da vida desta comunidade, do equilíbrio entre famílias e natureza e entre produção e consumo que se percebe uma pedagogia da solidariedade, que tanto provém da inter-relação quanto da inter-dependência entre as famílias e a natureza, a produção, as pessoas, as crenças e o consumo. Solidariedade está que se apresentam historicamente nos mutirões, troca de jornadas de trabalho, trabalho associado, agroecologia, organização coletiva para festas e lazeres, troca de produções e troca e gratuidade na troca de saberes.

### **TRABALHO E PRODUÇÃO ASSOCIADA: DE CATEGORIAS HISTÓRICO-ONTOLÓGICAS DA PRODUÇÃO DA VIDA À PEDAGOGIA DA PRODUÇÃO ASSOCIADA**

Para poder apreender a realidade da produção da vida, isto é, da produção material e imaterial da vida é preciso, antes de tudo, partir da categoria trabalho como centralidade tanto histórica quanto ontológica humana.

É o trabalho que torna o homem e a mulher humanos. É pelo trabalho, ou seja, pelo ato de transformar a natureza, que homens e mulheres transformam a si mesmos objetivamente e subjetivamente. Essa é a diferença humana de qualquer outro animal: para satisfazer a necessidade, age sobre a natureza, objetivando-se e ao agir sobre a natureza toda uma complexa subjetividade põem-se em ação: desejo, intencionalidade, pensamento, sentidos, conhecimentos e consciência.

Subjetividades estas que se conectam com uma primordial intencionalidade: satisfação das necessidades. Isto em um ato consciente sobre si, sobre a natureza, sobre os instrumentos e sobre o que se quer. Lukács (2013) defendia que no trabalho existia um pôr teleológico, isto é, na causa do trabalho já está presente a sua finalidade tal como na finalidade do trabalho está intrinsecamente presente a causa.

O pôr teleológico no processo do trabalho, a necessidade de antecipar em pensamento os resultados do trabalho já antes de sua efetuação, significa uma transformação do homem inteiro, inclusive de sua sensibilidade original, de origem biológica (LUKÁCS, 2013, p. 593).

Como seu Miro disse, "trabalha pra se manter e não pesar pra ninguém". A manutenção da própria existência, pela transformação da natureza, é o que faz do trabalho tão fundamental aos camponeses e camponesas tanto individualmente quanto em suas famílias. É pelo trabalho que a casa se transforma em espaço de produção (bolo, pão, polpa, doces) tal como o quintal se torna produtivo (frutas, legumes, verduras, galinhas, porcos) ou ainda nas festas da comunidade em que o trabalho se faz indispensável (barracos, ornamentações, alimentos, utensílios). O trabalho faz parte da produção material e imaterial da vida nas famílias e comunidade.

Além do mais, para seu Miro, o trabalho tem o significado para além do manter-se a si e a família ele significa relação, cuidado, preocupação, solidariedade ao outro: "não pesar a ninguém". O trabalho não se limita à satisfação das necessidades materiais, mas é a base constituidora para a sociabilidade, ele é o fundamento histórico e ontológico do ser social: "a própria existência é a atividade social" (MARX, 2001, p.140). É a segunda

natureza humana que se ergue sobre a primeira (orgânica e inorgânica), mas nunca separada desta (LUKÁCS, 2012).

Desta sociabilidade para a satisfação tanto das necessidades materiais quanto imateriais que camponeses e camponesas da comunidade tradicional São Manoel do Pari organizam-se na unidade produtiva em família e em comunidade, a qual possuem uma totalidade de 15 famílias, cuja maioria são adultos e idosos.

A família enquanto unidade produtiva é essencial à produção ampliada da vida nesta comunidade. Ela é a base para a satisfação de necessidade, aprendizados, preservar os saberes tradicionais, a solidariedade, a cooperação e o associativismo. A força de trabalho é familiar e pertence à própria família. Família esta que possui seus próprios meios de produção, a própria propriedade de trabalho e, por fim, a próprio produto do trabalho. São estas determinações que institui a singularidade desta classe, nem burguesa e nem proletária, mas camponesa. Satisfazendo suas necessidades não a partir da mais-valia e nem do salário, mas da ação direta de sua força de trabalho sobre a natureza.

Desta forma, quando as necessidades determinam a intensidade do trabalho na unidade produtiva familiar - ou comunitária - efetua o equilíbrio entre trabalho e consumo (PLOEG, 2016). Nesta, a qualidade e a quantidade de trabalho não poderá ser maior ou menor à necessidade de consumo da família.

As unidades produtivas familiares desta comunidade são de tal maneira relevante à produção da vida que é a partir desta organização que a produção associada se efetiva. Quando se perguntou ao seu Miro sobre o significado de trabalhar associadamente ele prontamente respondeu:

Bom, esse já tem um significado, assim, por que, nosso... na verdade a gente vem até de uma família né. A gente já vem de uma família assim que dos meus pai por exemplo... meus avô, meus pai, tio... eles tinha já esse habito né, de trabalhar no coletivo. Aí a gente acostumou com aquilo, então a gente gosta do serviço, assim no coletivo né (Entrevista com Miro, 07-06-19).

Não só os saberes são transmitidos pela família, mas o fazer e o como fazer. São as determinações da realidade - como limitações financeiras e sobre os meios de produção; como as relações afetivas e de parentesco; como os desejos e necessidades - que unem estas famílias. A produção associada tomada hábito, costume é incorporada na cotidianidade da vida que não é uma determinação produtiva fora do trabalho individual ou familiar:

[...] quase que direto, mas na verdade assim, por exemplo, as vezes nós não passa dois ou três dias sem tá fazendo o coletivo, se trabalha é no mínimo uns dois dias da semana, esse quase que direto é no coletivo. E aqueles horários também que a gente panhou desocupado, a gente trabalha no coletivo, isso sempre tem (Entrevista com Miro, 07-06-19).

A presença do trabalho associado faz parte da própria constituição da existência desta comunidade tradicional tanto que, mesmo em momentos em que não há o trabalho associado, há os mutirões, as trocas de jornadas de trabalho, a solidariedade em diversos serviços e atividades. A coletivização e a cooperação são intrínsecas à comunidade, como bem diz a dona Miguelina: "aí eu acho que é assim a comunidade tem que ser solidário um com o outro né" (Roda de conversa com Miguelina, 06/09/2019).

Para a Tiriba (2008, p. 81) este trabalho associado tem por seguinte definição:

A categoria 'produção associada' está relacionada a associativismo, entendido como um conjunto de práticas sociais informais ou instituídas desenvolvidas por grupos que se organizam em torno dos ideais e objetivos que compartilham. Podendo ser de abrangência local, regional, nacional ou internacional, o associativismo caracteriza-se pela construção de laços sociais calcados na confiança, cooperação e reciprocidade, o que confere aos seus membros o sentimento de pertencimento ao grupo (TIRIBA, 2008, p. 81).

Na comunidade tradicional camponesa São Manoel do Pari quase tudo em relação à produção material está vinculado a estas práticas que envolvem as famílias que possuem os mesmo ideais e objetivos:

Na.. na coletiva, na produção por exemplo, quase que todas as coisas sempre... porque quando é [inaudível] para limpeza a gente faz mutirão né! E o mutirão a gente faz no coletivo, onde um ajuda o outro. Dai depois que... que tá por exemplo já produzindo, produzido, aí cê depende... um depende do outro para coier e todas estas coisas no coletivo, um ajuda o outro, coie, pra não apertar pra ninguém. E aí por exemplo, aqui memo, muitas das vez não tem do que barbear aí, um barbea as coisas para o outro aí, aí para... ai isso tudo é no coletivo né. Não é particular.

Aí por exemplo, ai vem por estas partes que já é derivado da produção, isso aí é coletivo: moer, fazer rapadura, fazer farinha, como ontem tava fazendo farinha, farinha da mandioca, e depois ai vem da banana que é o derivado da banana: doce, banana frita, farinha da banana, isso tudo é... isso mais é no coletivo (Entrevista com Miro, 07-06-19).

Os trabalhos no espaço coletivo da Associação de Pequenos Produtores Rurais das comunidades de Aguaçu-Monjolo e São Manoel do Pari possuem uma diversidade produtiva de legumes, verduras, frutas e raízes:

Lá já plantou mandioca, os canteiro né, de tudo... é a couve, alface, cebolinha, o coentro, é... a pimenta e a batata doce, cará, quiabo, maxixe tudo essas coisa. É de tudo nós planta lá. Agora por esses dia, agora memo tá com a mandioca lá que tá boa já. A mandioca que foi... essa mandioca interessante que foi porque daí juntou todo mundo daí limpo, no dia de planta todo mundo tava junto, plantou; dia de limpa tá todo mundo lá. E aí assim, agora como tá seco o tempo, agora tinha a batata doce (Roda de conversa com Miguelina, 07/06/19).

Uma cooperação entre camponeses para si mesmos com uma única intencionalidade: satisfação de necessidades biológicas e sócio-culturais. Esta produção associada fundamenta-se sobre os mesmos interesses, necessidades e perspectivas. É assim que este sentimento de pertencimento ao grupo se efetiva em organização de forças de trabalho e instrumentos para a produção à qual é ampliada e menos intensificada.

Os camponeses e camponesas associados sentem a diferença em relação ao se trabalhar individualmente e associadamente:

O individual é mais pesado. Trabalhar no individual é bem mais pesado. Daí a carga sobrecai tudo em cima da gente [risos]... não, o coletivo é o mais... facilita pra todo mundo né. Hoje memo se tá só um ai ia moer como? E é assim, no coletivo um ajuda o outro que fica leve pra todo mundo, é mais fácil né (Entrevista com Miro, 07-06-19).

Não somente o controle da produção e o planejamento consciente, mas a solidariedade, enquanto categoria ética e econômica é o que alicerçará a cooperação entre camponeses e camponesas desta comunidade. A solidariedade é este fundamento determinante à cooperação na produção associada.

Chama-se cooperação a forma de trabalho em que muitos trabalham juntos, de acordo com um plano, no mesmo processo de produção ou em processos de produção diferentes mas conexos (MARX, 1988, p. 374).

O trabalho em equipe, conscientemente planejado, nos mesmos setores ou em setores diferenciados, porém interligados, é o que se efetiva quanto cooperação. Reduzindo o espaço e o tempo de produção, pela "força coletiva" (MARX, 1988, p.375), maximizando a produtividade. Ainda, nesta mesma 'força coletiva' "a estreiteza e as deficiências do trabalhador parcial tornam-se perfeições quando ele é parte integrante do trabalho coletivo" (MARX, 1988, p.400).

Qualifica-se o trabalhador individual pelo trabalho coletivo, reduz o tempo de trabalho e maximiza a produtividade. Eis as consequências da cooperação do trabalho associado. Esta realidade objetiva só é possível quando necessidades, limitações, interesses e intencionalidades são comuns e cotidianos à unidade produtiva familiar ou à produção associada camponesa.

Para que esta produção associada se efetive os camponeses e camponesas da comunidade se organizam ou na Associação ou na Igreja para discutirem como, quem e quando se resultará o trabalho. Organização está que a Tiriba (2001) chama de autogestão, uma organização das forças de trabalho e meio de produção efetivada pelos próprios trabalhadores e trabalhadoras:

No sentido político, econômico e filosófico, autogestão é um conceito que encerra a ideia de uma forma de organização social em que os sujeitos tem autonomia e autodeterminação na gestão do trabalho e em todas as instâncias das relações sociais. Tem como pressuposto a propriedade comum e a posse dos meios de produção da vida social e, por conseguinte, o controle coletivo e soberano das relações que os grupos sociais estabelecem com a natureza e entre si no processo de produção da existência humana. Nesta acepção, a autogestão tem o ideário da superação das relações de produção capitalista e a constituição do socialismo, concebido como uma sociedade autogestionária (TIRIBA, 2008, p. 83).

Autonomia e autodeterminação são conceitos essenciais a uma produção autogestionada pelos trabalhadores. São estas condições inerentes à autogestão que afirma o controle coletivo de camponeses e camponesas sobre sua produção.

Ai por exemplo, a gente discute mais na reunião né. Por que a gente já tem sempre aqui assim, queira ou não nós no mínimo quase que direto duas vez por mês a gente... quando a gente não vai na reunião da Associação vai nos aviso da... dos culto dominical que é no domingo, a gente já faz esses acordo né. Já entra nesse consenso (Entrevista com Miro, 07/06/2019).

Nestes dois espaços - Associação e Igreja - os camponeses e camponesas entram em consenso sobre a produção associada, sobre quais produções irão trabalhar, quem poderá estar presente na data decidida, sobre qual o objetivo da produção e como se fará: "cada um aceita a opinião de outros. Aí se um fala assim, vamos fazer desse jeito que é melhor aí tudo vai... desse jeito" (Entrevista com Natalino, 07/06/2019).

Quanto à produção associada, que faz o que também é decidido coletivamente e respeitada a singularidade de quem faz:

não, nós aqui... só assim quando por exemplo nós vai ajudar um que é na produção dele a gente respeita o jeito dele né. Respeita o jeito dele. Mas assim, pra dizer que um chega e manda nós não temos muito este costume não. A gente sempre discute ideia ne, discute ideia ... tudo junto. Não separa assim, que um manda... (Entrevista com Miro, 07/06/2019).

Novamente os costumes são apresentados na relação entre hábitos e trabalho, dando sustentação à produção ampliada da vida, tanto material quanto imaterial. A aprendizagem - passada de geração a geração, tornando-se costumes, tradições - é o que embasa a pedagogia da produção associada, uma produção solidária com o outro, com a natureza, constituídas pelos saberes tradicionais e saberes da experiência.

Quando se questionou a dona Miguelina sobre a importância destes saberes tradicionais e saberes da experiência apreendida diariamente, prontamente ela respondeu:

também é muito importante. Porque por exemplo, assim ó só pra dar um exemplo nessa criação assim se cai uma, um filhote doente, se cai uma... até nós memo né, se nós não saber fazer um chá pra nós, um remédio pra nós tudo as coisa precisar de médico, de ir atrás de veterinário pra curar assim, cê nunca... porque cê não tem dinheiro, né. A gente não tem dinheiro pra tá todo dia assim, então... Aí ajuda demais (Roda de conversa com Miguelina, 07/06/2019).

Desta forma, o trabalho enquanto princípio educativo instituirá, na produção associada, a produção de saberes associados: “a unidade de produção associada pode ser entendida como uma 'unidade de produção associada de saberes' na qual vão brotando novos saberes e fazeres” (TIRIBA; FISCHER, 2012, p. 615-616). Articulando saberes, os quais são populares e tradicionais, experienciados no trabalho e na cotidianidade da vida.

Uma pedagogia da solidariedade que se estende ao outro, à sua limitação produtiva, à natureza, às necessidades de outras famílias e comunidades e aos consumidores. Um exemplo é quando se pergunta como o preço dos produtos é decidido e logo se percebe o quanto a valorização da força de trabalho e o respeito aos limites financeiros da própria família produtiva e da família consumidora são primordiais:

é por que a gente faz uma pesquisa né, por exemplo, mercado, cê sempre tá passando no mercado; aí você vê o valor do mercado, aí por que a gente é produtor você (mais ou menos no mesmo rumo?) até mais barato um pouco. Porque, por exemplo se acha que vc já ... não vai explora o outro né, vc já tirou aquele valor, você tá contente com aquilo, não é igual a atravessador que ele vai pra explorar né, e a gente não vai pra explorar, vai para tirar o suficiente pra gente comer (Entrevista com Miro, 07/06/19).

Esta pedagogia da solidariedade - consequência lógica e existencial às relações entre as famílias, à agroecologia e à produção associada e autogestionada - não se limita aos espaços produtivos da comunidade tradicional camponesa São Manoel do Pari, mas se estende às suas relações de comercialização. Uma produção da vida que se aprende a ser solidário trocando saberes, fazeres e produtos.

## **CULTURA DO TRABALHO E EDUCAÇÃO: DESAFIOS TEÓRICOS E IMPLICAÇÕES NA COTIDIANIDADE**

O trabalho, enquanto categoria ontológica e histórica, está na centralidade não somente na produção e reprodução da vida das unidades produtivas familiares ou associada, mas na produção e reprodução da subjetividade desta comunidade tradicional. Isto porque, pelo trabalho instituem-se determinações cognitivas, valorativas, representativas, comportamentais, consciência, crenças.

Isso só é possível em razão da própria natureza da categoria trabalho. Uma categoria histórico-ontológica e pedagógica em que homens e mulheres transformam a natureza

e, simultaneamente, transformam-se a si mesmos. Em uma relação contínua e dialética de objetivação de si e subjetivação do real.

Marx (1977, p.24) reconheceu que "o modo de produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral". Por esse motivo o marxismo coloca a categoria trabalho na centralidade de suas análises. É neste que a produção e reprodução da vida se efetiva.

Outras determinações têm por fundamento o trabalho, esta transformação objetiva da natureza e realidade e da subjetividade humana. Brandão (1985, p.23) anuncia que "o trabalho de transformar e significar o mundo é o mesmo que transformar e significar o homem". Produz-se ideias, pensamentos, representações e consciência a partir da ação objetiva sobre o mundo.

Agora, para entender a categoria cultura do trabalho, além do trabalho, é necessário compreender a cultura. Para Brandão (1985), a mesma atividade que cria a história é a mesma que cria a cultura. Além disso, ainda firma que,

de modo concreto, a cultura inclui objetos, instrumentos, técnicas e atividades humanas socializadas e padronizadas de produção de bens, da ordem social, de normas, palavras, ideias, valores, símbolos, preceitos, crenças e sentimentos. Destarte, ela abrange o universo do mundo criado pelo trabalho do homem sobre o mundo da natureza de que o homem é parte. Aquilo que ele fez sobre aquilo que lhe foi dado (BRANDÃO, 1985, p. 20).

Observa-se que a sua definição de cultura, aproxima-se à definição de cultura do trabalho. Durham (2004, p. 231) segue a mesma aproximação: "a cultura constitui, portanto, um processo pelo qual os homens orientam e dão significação às suas ações através de uma manipulação simbólica que é atributo fundamental de toda prática humana". Então, chega-se à conclusão que, para estes autores, cultura é esta exteriorização de si mesmo, tendo por intermédio o trabalho, e - sua consequente e dialética - a subjetivação do real. Ação e representação unem-se (consensual e contraditoriamente) na constituição concreta material e imaterial da vida. Construindo tanto padrões de percepções e comportamentais quanto instituições que tentam cristalizar estes padrões na cotidianidade, ordenando assim as ações sociais a sua visão de mundo.

Neste sentido, toda a análise de fenômenos culturais é necessariamente análise da dinâmica cultural, isto é, do processo permanente de reorganização das representações na prática social, representações estas que são simultaneamente condição e produto desta prática. (DURHAM, 2004, p. 231).

Dado que a cultura não é somente a produtora de objetos ou valores presentes em determinado grupo, mas é também a produtora de significações das ações (BRANDÃO, 1985). Estas significações sobre as ações é o que concede à cultura a sua dinamicidade inerente. E, conseqüentemente, dinamicidade ao modo de vida, significando a si mesmo e o mundo em sua volta.

Brandão (1984, p.78) elabora uma reflexão a partir de conceitos como cultura e chega à afirmação: "afinal, é com uma nova maneira de recriar, combinar e utilizar símbolos e valores de cultura, que o povo reconstrói a sua própria identidade popular, aquilo que entre outros educadores corresponde, de algum modo, à consciência de classe". É pela cultura que a identidade popular se constitui. Identidade esta objetivada na produção concreta da vida, à qual faz com que estes camponesas e camponeses se reconheçam

enquanto comunidade tradicional, que se organizam pelo trabalho, crenças, natureza, espaços de produção e de vivências, por suas crenças, saberes tradicionais e da experiência.

É isto que alguns autores (PALENZUELA, 1995; NAVARRO, 1997; TIRIBA, 2001) chamaram de cultura do trabalho. Uma categoria antropológica e sociológica que amplia a compreensão do mundo do trabalho na cotidianidade de trabalhadoras e trabalhadores.

Entre estes autores e autoras que debatem esta categoria está Palenzuela (1995, p. 13), que define a cultura do trabalho como:

conjunto de conocimientos teórico-prácticos, comportamientos, percepciones, actitudes y valores que los individuos adquieren y construyen a partir de su inserción en los procesos de trabajo y/o de la interiorización de la ideología sobre el trabajo, todo lo cual modula su interacción social más allá de su práctica laboral concreta y orienta su específica cosmovisión como miembros de un colectivo determinado.

E, dando continuidade à Palenzuela, a Tiriba (2008, p. 85), que define como:

Cultura do trabalho diz respeito aos elementos materiais (instrumentos, métodos, técnicas, etc) e simbólicas (atitudes, ideias, crenças, hábitos, representações, costumes, saberes) partilhados pelos grupos humanos - considerados em suas especificidades de classe, gênero, etnia, religiosidade e geração. Determina em última instância pelas relações de produção, nos remete a objetivos e formas sobre o dispêndio da força de trabalho, maneiras de pensar, sentir e se relacionar com o trabalho.

O trabalho é esta determinação não somente à transformação da natureza, do homem e da mulher e da sociedade. Esta categoria histórico-ontológica determina e condiciona interiormente a exteriorização desta subjetividade em comportamentos e atitudes, na cotidianidade de trabalhadores e trabalhadoras.

É no processo dialético de objetivação-subjetivação no trabalho que a consciência, sentido, significação, valores sobre si e sociedade juntamente com os comportamentos e atitudes são constituídos e instituídos socialmente, estruturando-se enquanto cultura.

Palenzuela (1995, p.21) continua: "la cultura del trabajo 'operaria' sería el resultado de la interdependencia entre el sistema técnico y el sistema cultural, entre el trabajo e su representación". Ou seja, nada na produção material da vida é neutro. O trabalho, os sistemas técnicos e instrumentos tecnológicos, a cultura e a representação de mundo interagem dialeticamente constituindo a cultura do trabalho.

Um exemplo na comunidade foi quando estragou o engenho elétrico para moer cana, as famílias se organizaram a produção com o moedor manual, ajudado por dois cavalos. A diferença do primeiro para o segundo foi que neste intensificou-se mais a utilização da força de trabalho e ampliou-se o tempo de produção, mas a cooperação e coletivização nas decisões presentes no trabalho associado e autogestionado estavam presentes tanto no engenho quanto no moedor manual. Organizar produções de maneira associada e autogestionada faz parte dos costumes da comunidade os quais foram repassados de geração a geração.

Deste trabalho associado, autogestionado, com princípios agroecológicos (ALTIERI, 2012) transformou-se subjetivamente cada camponês e camponesa desta comunidade: sua representação de mundo, sua percepção, seus valores. Uma solidariedade, senso de cooperação e de equilíbrio surgiram.

Eu entendo que a terra, na verdade, a terra é... ela é tipo assim, nos sustenta, ela dá o sustento pra nós e ela cria, [...], ela cria, ela cuida, ela ama e ela leva a gente embora também... mas não é por maldade da terra, é por que precisa chegar outras pessoa pra ela dar o sustento pra ele também. Acho que essa é as função das terra né. Aí nesse sentido só tem que cuidar dela né, senti assim que ela, a terra, se nós não cuidar dela ela não dá condições dela cuidar da gente, cuidar, porque se judio dela, assim agrido ela assim hum... é cabo com a natureza dela daí, que sustento que ela tem? (Roda de conversa com Miguelina, 07/06/19).

Ainda, a consciência surge a partir da realidade objetiva da produção material da existência (MARX, 1977). Kosik (1976, p. 85) já o afirmava: “o homem é antes de tudo aquilo que o seu mundo é. Este ser que não lhe é próprio determina a sua consciência e lhe dita o modo de interpretar a sua própria existência”. Deste modo, trabalho e cultura interagem para constituir uma cultura do trabalho. Trabalhadores e trabalhadoras produzem cultura e, simultaneamente, o trabalho é condicionado ou determinado por sua respectiva cultura (TIRIBA, 2006).

Outro ponto relevante ao entendimento da cultura do trabalho é a sua relação à categoria espacial: o território. Palenzuela (2014, p. 68) expõe seu raciocínio da seguinte forma:

Mediante el trabajo, el hombre transforma el espacio en territorio, en espacio socializado, con intervenciones antrópicas que modifican su morfología, pero que también, y esto interesa en nuestro caso de estudio, le otorgan una función identitaria y simbólica, dialécticamente articulada a su papel como base material de la reproducción social.

O homem e a mulher trabalham em um dado espaço<sup>5</sup>, o qual é construído temporalmente e submetido à lógica de controle, contraditório, político e econômico determinando ou condicionando comportamentos, modalidades de utilização. Além de estarem localizados geograficamente, transformam, com suas atividades, este espaço. Antropomorfizam seu espaço de trabalho e de existência.

O espaço é signifiante? Certamente. De que? Do que é necessário fazer ou não fazer. O que remete ao poder. Mas a mensagem do poder é confusa, voluntariamente. Ela se dissimula. O espaço não diz tudo. Ele diz sobretudo o interdito (o inter-dito). Seu modo de existência, sua 'realidade' prática (incluindo sua forma) difere radicalmente da realidade (do ser-lá) de um objeto escrito, de um livro (LEFEBVRE, 2000, p. 202-203).

A apropriação do espaço, significando e valorizando-o, estabelece uma representação cultural ao mesmo, influenciando na vida individual e social. Por conseguinte, estes mesmos sujeitos, identificam-se localmente: "não sabia o que que era assim é apaixonar por um espaço comunitário e acho que com esse aqui nós conseguimos ter isso, paixão por estas terra" (Roda de conversa com Miguelina, 07/06/2019). Contudo, para que isso ocorra, é preciso que a presença espacial tenha, simultaneamente, uma extensão temporal.

Os espaços são espaços de produção, de transformação objetiva e subjetiva, de aprendizado, consumo e ensino. Desta forma que a casa não é somente para moradia, mas é produtiva, o quintal da mesma maneira, um quintal produtivo. A roça, o pasto e o

---

<sup>5</sup> “Espaço não tem, portanto, nada de uma 'condição' a priori de instituições e do Estado que as coroa. Relação social? Sim, de certo, mas inerente às relações de propriedade (a propriedade do solo, da terra, em particular), e de outra parte ligada às forças produtivas (que parcelam essa terra, esse solo), o espaço social manifesta sua polivalência, sua 'realidade' ao mesmo tempo formal e material. Produto que se utiliza, que se consome, ele é também meio de produção; redes de trocas, fluxo de matérias-primas e de energias que recortam o espaço e são por ele determinados” (LEFEBVRE, 2000, p.128).

espaço coletivo da associação são espaço produtivos, em que interagem dialeticamente os saberes e os fazeres, criando e recriando material e imaterialmente a realidade.

Deste modo, o lugar em que a vida é historicizada - no trabalho, no consumo, relações, na rua, no campo - é o que faz sentido. É um espaço vivido em experiências em contínua renovação. É o que possui significado. Tomando-se território, isto é, em espaço identitário e simbólico, como bem sentiu a dona Miguelina: "eu acho que é assim, sentimento nosso que tem aqui é um grande amor, um amor muito grande que nós temos com esta, com essa comunidade, por essa terra, amor memo verdadeiro" (Roda de conversa com Miguelina, 07/06/19). Isto pelo motivo do envolvimento em relações simbólicas entre os indivíduos.

Na compreensão de Santos (2001, p. 96-97),

o território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma população.

O espaço não é neutro (SANTOS, 2012). Ele possui intencionalidade: os espaços da casa, quintal, pasto, roça, associação, igreja possuem significados a partir do que se faz nestes espaços. E destes significados se constituem os valores, as crenças, as intencionalidades e objetivo para além destes espaços ou de suas atividades.

Assim, até aqui, compreendemos que a categoria cultura do trabalho não se limita ao trabalho ou ao espaço de produção. Mas se estende à reprodução da própria existência, na cotidianidade da vida. E o controle social, a partir do controle da divisão do trabalho, do controle espacial, do controle organizacional, do controle ocupacional é de maior relevância ao enquadramento das atitudes e comportamentos sociais, legitimando as formas de pensar, sentir, perceber, vestir, significar a si mesmo e ao mundo.

É esta legitimação, produtora e mantenedora de significados, constituída pela cultura do trabalho, a justificadora do *modus operandi* da comunidade tradicional. Por esta razão, a compreensão do território enriquece a compreensão da categoria cultura do trabalho. Pois, o território, como se observou, é muito mais que a paisagem, os sistemas naturais ou as estruturas criadas pelo trabalho.

A representação que o camponês e a camponesa fazem a partir do posicionamento de seu corpo em um singular espaço social - sentindo, percebendo, relacionando-se - estrutura bases para a representação de si mesmos. Assim, só podemos entender a dinamicidade desta cultura quando se compreende que a cultura é territorializada. Ainda mais, que a economia, a política, o discurso são territorializados (SANTOS, 2001). Nesta territorialização, o simbólico, os valores e a identidade são vivenciados na rotina, no cotidiano da produção e reprodução da vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na produção da vida na comunidade tradicional camponesa São Manoel do Pari a relação histórica e dialética entre o binômio trabalho e educação, para além da produção associada, agroecológica e de saberes tradicionais e da experiência, fundamenta bases históricas para a formação de uma pedagogia da produção associada e uma pedagogia

da solidariedade e para uma cultura do trabalho que fortalece a existência da comunidade.

Esta reflexão tem sido relevante ao GEPT/PPGE/UFMT tanto pela análise quanto pela não neutralidade na produção de conhecimentos de interesses dos povos e comunidades tradicionais. Conhecimentos que apresentam a importância da produção material e imaterial da existência destes povos e comunidades, valorizando sua tradição e suas experiências e sua contraposição ao modelo do modo de produção capitalista, o qual com sua divisão do trabalho, sua divisão entre o trabalho intelectual e o manual, sua alienação sobre o trabalhador, produção e produto está oposta à vivência nesta comunidade.

Por este motivo, a cultura do trabalho, em seu fundamento histórico na produção associada, solidariedade, saberes e pedagogias é contra hegemônica ao modo de produção capitalista; e apresenta uma alternativa de produção da vida, da existência aos trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade em que a solidariedade, a cooperação, a coletividade e o equilíbrio entre trabalho e consumo, entre talhador/a e natureza são essenciais.

## REFERÊNCIAS

- ALTIERI, Miguel. **Agroecologia**: bases científicas para uma agricultura sustentável. SP: Expressão Popular, 2012.
- BRANDÃO, C.R. **A educação como cultura**. SP: Brasiliense, 1985.
- BRANDÃO, C.R. **Saber e ensinar**. Campinas: Papirus, 1984.
- DIEGUES, Antonio Carlos. **O mito da natureza intocada**. SP: Hucitec, 1996.
- DURHAM, Eunice. **A dinâmica da cultura**. SP: Cosac Naify, 2004.
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. RJ: Paz e Terra, 1976.
- LEFEBVRE, Henri. **A produção do espaço**. Paris: Éditions Antrhopos, 2000.
- LUKACS, G. **Para uma ontologia do ser social II**. SP: Boitempo, 2013.
- LUKACS, G. **Para uma ontologia do ser social I**. SP: Boitempo, 2012.
- MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. SP: Martins Fontes, 1977.
- MARX, Karl. **O capital**. Crítica da economia política. Livro 1 - O processo de produção do capital. Volume 1. RJ: Bertrand, 1988.
- MARX, Karl. **Manuscrito Econômico-Filosóficos**. São Paulo, Martins Claret, 2001.
- NAVARRO, Isidoro Moreno. **Trabajo, ideologias sobre el trabajo y cultura del trabajo**. Revista Andaluza de relaciones Laborales, n. 3. Abril, 1997.
- PALUENZA, Pablo. **Las culturas del trabajo**: una aproximación antropológica. In Sociología del trabajo (nueva época), n. 24, siglo XXI, 1995, p.3-28.
- PALUENZA, Pablo. **Culturas del trabajo e identidad local**: Pescadores y mineros en Québec Sociología del Trabajo, nueva época, núm. 81, primavera de 2014, pp. 68-89.
- PLOEG, Jan Douwe van der. **Camponeses e a arte da agricultura**. SP: Editora Unesp, 2016.
- SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. SP: Ed. Da Universidade de São Paulo, 2012.
- SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**. RJ: Record, 2001.
- THOMPSON, Edward Palmer. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

- THOMPSON, Edward Palmer. **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. SP: Unicamp, 2001.
- TIRIBA, Lia. **Economia e cultura do trabalho**. Pedagogia(s) da produção associada. RS: Unijuí, 2001.
- TIRIBA, Lia. **Cultura do trabalho, autogestão e formação de trabalhadores associados**: questão de pesquisa. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 26, n. 1, 69-94, jan./jun. 2008 Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile-/2175-795x.2008v26n1p69/9566>. Acesso em: 14 set. 2020.
- TIRIBA, Lia. **Cultura do trabalho, produção associada e produção de saberes**. *UNISINOS*. v. 10, n. 2, maio/ago. 2006.
- TIRIBA, Lia; FISCHER, Maria C.B. Produção associada e autogestão. In: Caldart, Roseli; PEREIRA, Isabel; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Dicionário da educação do campo**. SP: Expressão Popular, 2012.
- TOLEDO, Víctor M. & BARRERA-BASSOLS, Narciso. **A memória biocultural**. A importância ecológica das sabedorias tradicionais. SP: Expressão Popular, 2015.

**Data da submissão: 09/01/2020**

**Data da aprovação: 23/08/2020**